



Revista Alcance

ISSN: 1413-2591

alcance@univali.br

Universidade do Vale do Itajaí

Brasil

VINICIUS DE PAULA, ALESSANDRO; REZENDE MACIEL, LUIZ HENRIQUE; DE
BRITO, MOZAR JOSÉ; VILAS BOAS, ANA ALICE; ALVES CAPPELLE, MÔNICA
CARVALHO

CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM SOCIOCONSTRUCIONISTA PARA A
COMPREENSÃO DA ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA SOCIAL

Revista Alcance, vol. 22, núm. 1, enero-marzo, 2015, pp. 130-150

Universidade do Vale do Itajaí

Biguaçu, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=477747166007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM
SOCIOCONSTRUCIONISTA PARA
A COMPREENSÃO DA ESTRATÉGIA
COMO PRÁTICA SOCIAL**

*CONTRIBUTIONS OF THE
SOCIOCONSTRUCTIONIST APPROACH TO THE
UNDERSTANDING OF STRATEGY AS A SOCIAL
PRACTICE*

*CONTRIBUCIONES DEL ENFOQUE
SOCIOCONSTRUCCIONISTA PARA LA
COMPRENSIÓN DE LA ESTRATEGIA COMO
PRÁCTICA SOCIAL*

ALESSANDRO VINICIUS DE PAULA¹

LUIZ HENRIQUE REZENDE MACIEL² | MOZAR JOSÉ DE BRITO³

ANA ALICE VILAS BOAS⁴ | MÔNICA CARVALHO ALVES CAPPELLE⁵

Revista ALCANCE

Eletrônica

ISSN: 1983-716X

Disponível em:

www.univali.br/periodicos

v. 22; n. 01

Jan./Mar.-2015

Doi: alcance.v22n1.p130-150

Submetido em: 11/06/2014

Aprovado em: 24/04/2015

RESUMO

Baseado em uma revisão crítica da literatura, indicamos como o construcionismo social fornece importantes contribuições para a compreensão e a identificação dos processos sociais que permeiam as relações das pessoas nas instituições e/ou entre instituições. Apresentamos algumas considerações sobre as principais contribuições da abordagem socioconstrucionista (construcionismo social) para a compreensão da Estratégia como Prática Social. Percebemos, como principais resultados, que a literatura referente ao tema da Estratégia como Prática Social, em geral, concentra-se em questões como conceituação e contextualização da prática social, no entanto, a literatura ainda carece de relatos detalhados sobre as reais possibilidades de análise e intervenção nas situações do contexto organizacional. O debate aqui proposto é primordial para a elaboração de estratégias organizacionais que possibilitem a compreensão da realidade organizacional de forma contextualizada, o que permitiria melhores intervenções na esfera organizacional.

Palavras-chave: Estratégia como Prática Social. Construcionismo social. Estratégias organizacionais. Teoria organizacional. Revisão de literatura.

1 Mestre, Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil - avpaula@yahoo.com.br

2 Mestre, Universidade Federal de Lavras, Brasil - lhrmaciel@hotmail.com

3 Doutor, Universidade Federal de Lavras, Brasil - mozarbrito@gmail.com

4 Doutora, Universidade Federal de Lavras, Brasil - analice2006@oi.com.br

5 Doutora, Universidade Federal de Lavras, Brasil - edmo@dae.ufla.br

ABSTRACT

Based on a critical literature review, we indicate how social constructionism provides important contributions for understanding and identifying social processes that permeate the relationships of people in institutions and/or between institutions. We present some considerations about the main contributions of the socio-constructionist approach (social constructionism) for understanding the Strategy as Social Practice. As main results, we perceive that the literature on the theme of Strategy as a Social Practice generally focuses on issues such as defining and contextualizing social practice; however, the literature still lacks detailed reports about the real possibilities of analysis and intervention in situations of organizational context. The debate proposed here is vital to the development of organizational strategies that facilitate understanding of organizational reality in contextualized form, which would allow better interventions in the organizational sphere.

Keywords: Strategy as Social Practice. Social constructionism. Organizational strategies. Organizational theory. Literature review.

RESUMEN

Basado en una revisión crítica de la literatura, mostramos cómo el construccionismo social ofrece importantes contribuciones para la comprensión y la identificación de los procesos sociales que permean las relaciones de las personas en las instituciones y/o entre instituciones. Presentamos algunas consideraciones sobre las principales contribuciones del enfoque socioconstruccionista (construccionismo social) para la comprensión de la Estrategia como Práctica Social. Como principales resultados observamos que la literatura referente al tema de la Estrategia como Práctica Social, en general, se concentra en cuestiones como conceptualización y contextualización de la práctica social, aunque la literatura aún carece de relatos detallados sobre las reales posibilidades de análisis e intervención en las situaciones del contexto organizacional. El debate aquí propuesto es primordial para la elaboración de estrategias organizacionales que posibiliten la comprensión de la realidad organizacional de forma contextualizada, lo que permitiría mejores intervenciones en la esfera organizacional.

Palabras clave: Estrategia como Práctica Social. Construccionismo social. Estrategias organizacionales. Teoría organizacional. Revisión de literatura.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse ensaio é apresentar algumas considerações sobre as contribuições da abordagem socioconstruccionista (construccionismo social) para a compreensão da Estratégia como Prática Social. Baseado em uma revisão crítica da literatura (MANCINI; SAMPAIO, 2006), indica-se que o construccionismo social fornece importantes pistas para a compreensão e identificação dos processos sociais que permeiam as relações das pessoas nas instituições e/ou entre instituições. Apresentam-se algumas considerações sobre quais seriam as

principais contribuições da abordagem socioconstrucionista (construcionismo social) para a compreensão da Estratégia como Prática Social. Tais reflexões são primordiais para a elaboração de estratégias organizacionais e políticas de gestão que visem a um processo de implantação de mudança organizacional mais contextualizada e atenta às demandas das instituições e das pessoas ali inseridas.

A pesquisa social é uma modalidade de pesquisa utilizada para descrever e explicar fenômenos que envolvem seres humanos e suas relações. Na maioria dos casos, as pesquisas sociais empregam métodos que contemplam inúmeras formas de investigação de abordagem qualitativa que permitem uma relação de dialética entre pesquisador/objeto investigado. Por meio das abordagens qualitativas, um fenômeno pode ser compreendido no contexto em que ocorre através da análise integrada do pesquisador e seu contato direto com a situação estudada e o universo da produção humana envolvida em tal fenômeno: relações, representações, intencionalidades, formas de interação e comunicação, lugares e processos (BRIDWELL-MITCHELL; LANT, 2014; LEE; AMJADI, 2014; SORSA; PÄLLI; MIKKOLA, 2014; PAULA; PINTO; LOBATO; MAFRA, 2014; McIVER; LENGNICK-HALL; LENGNICK-HALL; RAMACHANDRAN, 2012; COSTA, 2002).

Essa forma de se perceber os fenômenos sociais sofreu influência do paradigma hermenêutico, especialmente, após a chamada “virada pós-moderna”. Tal paradigma fez uma crítica ao discurso “cientificista” tradicional apontando a importância de que a “ciência” (e seus praticantes) assuma uma consciência crítica no seu fazer, evidenciando que um completo distanciamento/isenção entre pesquisador e objeto de pesquisa é impossível, especialmente, quando se trata de temáticas das ciências sociais (COSTA, 2002). Essa nova forma de se analisar o objeto de estudo foi fundamental para o desenvolvimento das pesquisas qualitativas que passaram a utilizar diferentes instrumentos e caminhos teórico/metodológicos como o construcionismo social e a compreensão de que as estratégias organizacionais podem ser entendidas como prática social.

Erden, Schneider e Von Krogh (2014) alertam para a importância de examinar a natureza multifacetada das práticas sociais e entender os processos pelos quais novos conhecimentos são formados com base na prática humana. Em um estudo de revisão de literatura, tais pesquisadores indicaram que os estudiosos da prática social adotam, em geral, quatro perspectivas: 1) perspectiva do conhecimento; 2) negligência da perspectiva política quando se olha “dentro” das práticas sociais; 3) enfatizam a perspectiva ética; 4) isolam cada uma das quatro perspectivas usadas na construção de teoria (ERDEN; SCHNEIDER; VON KROGH, 2014).

Partindo dessa premissa, a prática é vista como tendo dois princípios: 1) primeiro que os resultados das estratégias não pressupõem, primordialmente, um planejamento ou intenção; 2) segundo que a estratégia é um fenômeno que não pode ser generalizado, sendo construído a partir de cada situação em função da prática cotidiana e da vivência de situações (LEE; AMJADI, 2014; BRIDWELL-

MITCHELL; LANT, 2014; ERDEN; SCHNEIDER; VON KROGH, 2014; McIVER; LENGNICK-HALL; LENGNICK-HALL; RAMACHANDRAN, 2012; CHIA; HOLT, 2008, 2006). Nela, as necessidades cotidianas podem ser vistas como estímulos à busca de soluções de problemas, soluções estas que podem ser denominadas estratégias e que se referem à(s) necessidade(s) de um determinado contexto humano.

O fortalecimento das abordagens que privilegiam a prática social - bem como a Estratégia como Prática Social - se deu em função da necessidade de abordagens de investigações não somente etnográficas (menos centradas na gestão de agências em detrimento dos atores nela envolvidos) como pela necessidade de um processo de pesquisa menos descritivo e com pouca aplicação prática - visando a uma metodologia de pesquisa menos dicotômica entre o processo e o conteúdo. Pretendeu-se construir estudos que tenham ligações explícitas para o resultado da estratégia, aumentando a possibilidade do acúmulo de conhecimento a partir de uma visão mais ampla do fenômeno social (ERDEN; SCHNEIDER; VON KROGH, 2014; McIVER; LENGNICK-HALL; LENGNICK-HALL; RAMACHANDRAN, 2012).

Diante do exposto, percebe-se que é necessária uma abordagem mais complexa e dinâmica do estudo das estratégias, buscando compreender os fenômenos nas organizações de maneira mais aprofundada. O traço distintivo da Estratégia como Prática Social é a visão sociológica trazida para o estudo das estratégias - sendo que o principal aspecto é o tratamento de processos sociais a partir de contextos mais amplos e também de maiores possibilidades, a fim de apreender uma visão menos intencional e inesperada dos processos relacionados à estratégia como prática. Desta forma, o que se propõe no presente estudo crítico é fornecer subsídios que auxiliem para uma integração teórica que evidencie como a abordagem socioconstrucionista (construcionismo social) pode auxiliar na compreensão da Estratégia como Prática Social.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA ABORDAGEM SOCIOCONSTRUCIONISTA

Breve histórico do desenvolvimento da abordagem socioconstrucionista

Para compreender o contexto e as influências presentes na(s) origem(s) da abordagem socioconstrucionista (construcionismo social), é preciso fazer uma breve explanação sobre as ontologias dominantes no campo da Psicologia e da Psicologia Social - melhor dizendo, das Psicologias Sociais - visto a diversidade de enfoques e temas na área. Isso pode auxiliar na compreensão de como (e onde) se insere a abordagem socioconstrucionista. É necessária uma breve apresentação das principais diferenças epistemológicas e metodológicas entre os paradigmas da ciência modernista e da ciência pós-modernista para que o leitor compreenda a vinculação da Psicologia Social contemporânea com os pressupostos do projeto de ciência do pós-modernismo.

Gonzalez Rey (2011), ao apresentar e diferenciar as duas ontologias que emergem

como dominantes no campo teórico/prático da Psicologia contemporânea - a saber, as ontologias que consideram a subjetividade numa perspectiva sócio, histórico e cultural complexa e as ontologias que se debruçam sobre o conceito de práticas discursivas e de discurso -, considerou que as diferenças entre essas duas tendências ontológicas são irreconciliáveis, especialmente, quanto aos seus respectivos fundamentos teóricos. Ainda de acordo com Gonzalez Rey (2011), as ontologias que adotam a subjetividade numa perspectiva sócio, histórico e cultural complexa estariam representadas por dois grandes subgrupos de ideias. O primeiro subgrupo seria formado por alguns teóricos da "nova psicanálise" (aqui estariam contemplados os estudos psicossociais e algumas tendências pós-psicanálise - que visam superar as metáforas mecanicistas do modelo intrapsíquico freudiano e o estruturalismo lacaniano). O segundo subgrupo das ontologias que adotam a subjetividade numa perspectiva sócio, histórica e cultural complexa seria formado por teóricos da psicologia cultural histórica.

As ontologias que se debruçam sobre o conceito de práticas discursivas e de discurso seriam formadas por um grupo de teóricos que fazem parte de movimentos como o construcionismo social, as psicologias narrativas, a hermenêutica e os estudos pós-lacanianas (GONZALEZ REY, 2011). Como visto, é grande o número de contradições envolvidas no campo ontológico e metodológico da Psicologia. A seguir se perceberá que dentro do campo da atual Psicologia Social também não há muitos consensos. Castañon (2004), ao apresentar as "tendências" em que se divide a Psicologia Social contemporânea, afirma que se possuem duas grandes tendências: abordagem individualista da Psicologia Social e a abordagem sociológica da Psicologia Social. De acordo com a primeira abordagem da Psicologia Social - a individualista -, nossas condutas são influenciadas pela presença de outras pessoas, seja essa presença atual (no presente momento) ou fruto de experiências sociais anteriores. Cabe ressaltar que a primeira abordagem - a individualista - é tratada metodologicamente como uma ciência empírica:

[...] há a suposição de uma certa estabilidade em nossas condutas, de relações entre fatores ou variáveis, o que a insere no projeto da ciência moderna. Esta última, a ciência moderna, tem entre seus pressupostos básicos: (1) a crença de que o objeto existe independentemente da mente do observador, o Realismo Ontológico; (2) a crença na estabilidade, pelo menos em alguns de seus aspectos, do objeto que se estuda, o princípio da Regularidade do Objeto; (3) a crença de que através do método adequado, podemos vir a conhecer algo sobre o objeto, o Otimismo Epistemológico; e, por último e não menos importante, (4) a crença de que podemos representar adequada e estavelmente o mundo através da linguagem, o Representacionismo. (CASTAÑON, 2004, p. 68).

Tal "projeto de ciência moderna" e os seus pressupostos básicos foram duramente criticados pelas ideias do movimento pós-modernista que desenvolveu uma proposta de compreender e fazer ciência que rejeitava o projeto de ciência desenvolvido pela modernidade iluminista. O modelo pós-modernista de ciência era, por definição,

Alessandro V. de Paula, Luiz Henrique R. Maciel, Mozar J. de Brito,
Ana Alice Vilas Boas e Mônica C. A. Cappelle

antirracionalismo, antiindividualismo e antiuniversalismo. Castañon (2004) indica como esses pressupostos epistemológicos pós-modernistas são antagônicos ao modelo tradicional da ciência moderna:

(1) Anti-realismo: não há realidade fora da linguagem; (2) Irregularidade do objeto: não existem aspectos na realidade que fujam do condicionamento sócio-histórico, portanto, não existe regularidade nem aspectos universais a serem estudados; (3) Pessimismo epistemológico: mesmo que a realidade exista para além da linguagem, ela é impermeável a ela, portanto, não se pode conhecê-la nem imediata nem mediadamente; (4) Antirepresentacionismo: se existe tal coisa como o 'mundo', a linguagem não é capaz de representá-lo adequada e estavelmente. (CASTAÑON, 2004, p. 68).

A segunda grande abordagem da Psicologia Social - a abordagem sociológica - sofreu grande influência teórica desse projeto pós-modernista. Castañon (2004, p. 68) pondera afirmando que "[...] embora influenciadas, nem todas as abordagens teóricas sociologistas podem ser classificadas como pós-modernas".

Considera-se que as principais perspectivas teóricas da abordagem sociológica da Psicologia Social, atualmente, são o Socioculturalismo, a teoria das Representações Sociais e o Construcionismo Social. Mesmo apresentando diferenças marcantes entre si, essas três perspectivas teóricas da abordagem sociológica, em geral, postulam que as representações sociais devem ser o principal objeto de estudo, considerando os fenômenos coletivos como linguagem, cultura, etc. Esse objeto de estudo eleito daria ênfase aos elementos sociais e não aos individuais ressaltados pela abordagem individualista. Tal movimento - fortemente influenciado pela produção intelectual europeia - estabeleceu-se como uma crítica ao caráter individualista que dominava a produção científica em Psicologia no cenário norte-americano.

Cabe ressaltar que o Construcionismo Social é algumas vezes classificado como um movimento por alguns teóricos e, por outros, uma posição, uma teoria, uma orientação teórica. A conceituação do Construcionismo Social é complexa e possui várias dimensões e nuances que devem ser consideradas (RASERA; JAPUR, 2005, 2001; CASTAÑON, 2004). Nas palavras de Guanaes (2006):

É importante ressaltar, contudo, que o termo construcionismo social não traduz um campo homogêneo, constituído por estudos que partilham o mesmo conjunto de sentidos. Ao contrário, existe uma grande variedade de propostas construcionistas, nem sempre concordantes entre si. (GUANAES, 2006, p. 23).

Castañon (2004) argumenta que essa indefinição/imprecisão é proposital, visto que:

Assim como acontece com pós-modernidade, a expressão Construcionismo Social não se deixa definir com precisão. Sua inconsistência ou dispersão parece cumprir o objetivo de afirmar sua própria posição anti-moderna e confundir os seus críticos dificultando o alvo com suas múltiplas faces e aparições. (CASTAÑON, 2004, p. 70-71).

Foi com a publicação do livro "A Construção Social da Realidade" (BERGER; LUCKMANN, 2002) que o Construcionismo ganhou maior destaque nos EUA. Berger e Luckmann defendiam que todo o conhecimento é formado e mantido por meio das interações sociais. Quando as pessoas interagem entre si, fazem-no com o entendimento de que suas respectivas percepções sobre a realidade são compartilhadas pelas demais pessoas. Uma vez que o conhecimento do senso comum é negociado por pessoas, as significações e as organizações/instituições também passam a ser (re)apresentadas como parte de uma realidade objetiva.

O construcionismo social postula uma noção sociocultural da mente, considerando que o funcionamento mental é estimulado pelos processos sociais, ou seja, nas relações que se estabelecem entre as pessoas, e não nas mentes individuais. O construcionismo social defende que os processos subjetivos que se vivencia estão relacionados com os fatores sociais, e somente se pode compreendê-los se forem contextualizados e entendidos à luz da sociedade e das relações em que as pessoas estão inseridas (RASERA; JAPUR, 2005, 2001; CASTAÑON, 2004; SPINK, 2003; BERGER; LUCKMANN, 2002).

Durante as décadas de 1970 e 1980 a teoria construcionista social passou por uma série de transformações que tentaram incorporar as contribuições de autores como Michel Foucault, Karin Knorr-Cetina, Bruno Latour, Barry Barnes, etc. O Construcionismo Social - que teve como sua principal referência teórica Kenneth Gergen - também passou a designar o movimento de crítica à Psicologia Social "modernista/tradicional" que dominava o campo de conhecimento psicológico no EUA até a década de 1970 (RASERA; JAPUR, 2005; CASTAÑON, 2004).

Para os teóricos do construcionismo, a produção do conhecimento científico é uma das formas de se construir a nossa realidade - especialmente, no mundo ocidental - e também é marcado pelo contexto em que tal conhecimento é produzido, não podendo, desta forma, um conhecimento ser "neutro" ou "puro" visto que interesses econômicos, políticos e éticos permeiam o fazer da produção do conhecimento científico. Raserá e Japur (2007 e 2001) ressaltam que outro elemento crucial de consenso para o movimento construcionista é sua postura crítica frente à ciência, o que permitiu diversos questionamentos éticos do processo de construção do campo científico, desvelando os muitos interesses que permeiam tal atividade científica - uma atividade longe de ser tão imparcial quanto apregoava o projeto modernista. Cabe ressaltar que o presente estudo e seus autores filiam-se à orientação de que é necessária uma postura crítica frente aos processos de construção da(s) ciência(s).

Embora atribuam grande importância aos fatores sociais na formação da subjetividade humana, cabe ressaltar que existem importantes diferenças entre os aspectos defendidos pela abordagem socioconstrutivista (construtivismo) e a abordagem socioconstrucionista (construcionismo social). No próximo item será feita uma sucinta diferenciação entre tais abordagens.

“Separando o joio do trigo” - uma diferenciação entre as abordagens socioconstrutivistas e socioconstrucionista

Ao observar os pontos de convergência entre a abordagem socioconstrutivista e a abordagem socioconstrucionista, percebe-se que ambas fazem uma clara oposição à perspectiva dualista da ciência positivista baseada no pensamento empirista e racionalista que promove a separação entre o sujeito e objeto. As duas propostas teóricas, como já mencionado, se filiam aos princípios conceituais da filosofia pós-moderna, a saber: rejeição ao enfoque cartesiano de investigação, a crítica ao acesso da realidade independente do indivíduo, busca de um universalismo e processo de produção científico fundado no rigor/objetividade. As duas abordagens enfatizam a ideia de que o conhecimento é construído nas (e pelas) relações sociais. Segundo Gergen (1985), apesar das características comuns, a distinção é possível devido ao fato de terem surgido em contextos intelectuais bem diferenciados e que estão associados a práticas e epistemologias diferentes.

Rasera e Japur (2007, p. 24) indicam que as perspectivas construtivistas e construcionistas apresentam duas principais semelhanças entre si: “a) a ênfase na natureza construída do conhecimento, a partir da qual ambas questionam a possibilidade de garantias fundacionais para a ciência empírica; e b) a crítica à visão da mente humana como refletindo um mundo independente, o que as leva a questionar a construção do conhecimento como algo edificado na mente isolada através da observação”. Ainda segundo Rasera e Japur (2007 e 2001), uma diferença básica entre as abordagens é o fato de que o construcionismo teve seu processo de criação e desenvolvimento teórico ligado à Psicologia Social e tem como objetivo central dar conta das construções que os indivíduos elaboram de forma coletiva e construída nos relacionamentos, constituídos por práticas discursivas negociadas entre as pessoas.

O construtivismo, por sua vez, estaria mais vinculado à Psicologia do Desenvolvimento e objetiva compreender a construção das complexas estruturas cognitivas que o indivíduo elabora no decorrer do seu desenvolvimento, buscando identificar a relação sujeito-objeto estabelecida, ressaltando, é claro, o papel ativo do sujeito conhecedor no processo de construção do conhecimento. Conforme indicam Rasera e Japur (2007, p. 24), “[...] o construtivismo preserva a tradição individualista, buscando os processos intrínsecos ao indivíduo, enquanto o construcionismo enfatiza as origens sociais do conhecimento, mantendo um foco nos processos micro-sociais”.

Alguns autores indicam que o construtivismo, por estar ligado à tradição individualista, tende a defender a ideia de que o conhecimento se relaciona com o funcionamento do sistema nervoso ou a organização cognitiva. Por sua vez, o construcionismo social, desenvolvido na tradição das ciências sociais, manteve sua atenção no mundo social, promovendo a imagem de que o conhecimento surge no contexto da relação social, no espaço entre as pessoas e sempre mediado pela linguagem. A teoria construcionista social evidencia a primazia dos processos

comunicativos envolvidos na construção de significados compartilhados pelas pessoas (BRIDWELL-MITCHELL; LANT, 2014; LEE; AMJADI, 2014; SORSA; PÄLLI; MIKKOLA, 2014; McIVER; LENGNICK-HALL; LENGNICK-HALL; RAMACHANDRAN, 2012; GUANAES, 2006; CASTAÑON, 2004; GERGEN, 1985; 1973).

As teorias socioconstrutivistas (construtivismo) apresentam como ponto fundante a premissa de que a aprendizagem e o desenvolvimento humano são produtos de um processo de interação social. Tendo como ponto central a interatividade psicossocial, existe um conjunto de correntes variadas que desenvolvem diversas interpretações para as manifestações dos processos de desenvolvimento e aprendizagem. O construtivismo tem como principal representante Jean Piaget e surge de modo consistente no campo teórico da Psicologia do Desenvolvimento durante a década de 1980. Piaget defendeu a indivisibilidade da relação sujeito-objeto, afirmando que o conhecimento surge como um produto da interação entre ambos. Para que o sujeito conheça o objeto, deve operar sobre ele num processo que envolve a transformação mútua, desta forma, o conhecimento não pode ser compreendido como uma cópia da realidade, visto que depende de uma ação/atividade do sujeito (PIAGET, 1983). Embora tenha desenvolvido aspectos inovadores sobre os elementos sociais envolvidos nos processos de conhecimento, Piaget demorou a ser reconhecido na Psicologia por tal contribuição, tendo ficado mais conhecido pela elaboração de um modelo de desenvolvimento cognitivo da criança.

O foco do construtivismo social, por sua vez, está na consciência humana ou na consciência desse ser do seu lugar no mundo. Os construtivistas foram inspirados por desenvolvimentos teóricos em outras disciplinas das ciências sociais, filosofia, etc. Na sociologia, por exemplo, Anthony Giddens propôs o conceito de estruturação como um modo de analisar a relação entre estruturas e atores da sociedade. Segundo Giddens (1984 citado por JACKSON; SØRENSEN, 2007, p. 163), as estruturas - compreendidas como as regras e as condições que orientam a ação social - não determinam o que os atores fazem de modo mecânico.

A relação entre estruturas e atores envolve compreensão intersubjetiva e significado. De forma que as estruturas podem restringir algumas ações dos atores, os mesmos atores também podem transformar as estruturas de pensar sobre tais estruturas e sobre eles mesmos, agindo de novas maneiras. A noção de estruturação, portanto, leva a uma visão menos rígida e mais dinâmica da relação entre estrutura e atores (JACKSON; SØRENSEN, 2007, p. 163).

Segundo Hacking (1999, p. 41 citado por JACKSON; SØRENSEN, 2007, p. 163), Immanuel Kant é outro precursor para o construtivismo social. Kant indicou que só se pode obter um conhecimento subjetivo sobre o mundo. Tal conhecimento vai ser sempre um conhecimento subjetivo visto que ele é filtrado através da consciência humana. Jackson e Sørensen (2007) também relembram que Max Weber sublinhou que o mundo social - o mundo de interação humana - é distinto do mundo natural dos fenômenos físicos, de forma que os seres humanos estarão sempre buscando

a “compreensão” de suas ações e tentando atribuir “sentido” a elas. Existem dois grandes grupos teóricos dentro da abordagem construtivista, o primeiro grupo dá ênfase aos processos individuais de construção de significado, já o segundo grupo foca sua atenção nos contextos em que estes significados são construídos por meio de uma linguagem comum (GUANAES, 2006).

Ao tratarem da teoria social, os construtivistas também enfatizam a construção social da realidade. As relações humanas são formadas por pensamento e ideias, e não, essencialmente, por condições materiais. Este elemento idealista do construtivismo contrasta filosoficamente com a filosofia materialista do positivismo frente à ciência social. De forma que:

Segundo a filosofia construtivista, o mundo social não é um dado: não é algo “lá fora” que existe independente dos pensamentos e ideias das pessoas envolvidas nele. Não é uma realidade externa, cujas leis podem ser descobertas pela pesquisa científica e explicada pela teoria científica como as positivistas e behavioristas discutem. O mundo social e político não é parte da natureza. Não existem leis naturais da sociedade ou economia ou política. A história não é um processo evolutivo externo que é independente do pensamento humano e ideias. Isso significa que a sociologia ou a economia ou ciência política ou o estudo da história não pode ser “ciências” objetivas no sentido positivista estrito da palavra. (JACKSON; SØRENSEN, 2007, p. 164-165).

É inegável que uma parte do mundo social é construída de entidades físicas. No entanto, são ideias e crenças sobre tais entidades que são o mais importante, especificamente, o que significam essas entidades nas mentes das pessoas. Sendo assim, o mundo social é o “mundo de consciência humana: de pensamentos e crenças, de ideias e conceitos, de linguagens e discursos, de símbolos, sinais e entendimentos entre os seres humanos, especialmente, de grupos de seres humanos, tais como estados e nações. O mundo social é um domínio intersubjetivo: é significativo para as pessoas que o fizeram e vivem nele” (JACKSON; SØRENSEN, 2007, p. 165).

Ao se tratar da abordagem construcionista social, percebe-se que mesmo apresentando uma grande gama de manifestações e subdivisões, o movimento construcionista social possui como premissas básicas: 1) a importância da teoria para o conhecimento da ação humana, 2) a linguagem como peça fundamental para a compreensão desta teoria, considerando a natureza inerentemente social da linguagem.

Devido à sua grande relevância nas práticas discursivas, sociais e culturais, não é de se espantar que a linguagem ocupe um lugar de destaque nas concepções teóricas do Construcionismo Social, visto que a realidade humana, segundo tal abordagem, é construída socialmente por meio do uso da linguagem. Para tal abordagem é via linguagem que organizamos nossas experiências em padrões de significação coerentes (RASERA; JAPUR, 2007, 2005; GUANAES, 2006).

Se o instrumento utilizado nesta interação para elaborar significados é a linguagem - considerando-se que os conceitos e as regras que ela utiliza são de origem social e cultural, existindo, portanto, previamente aos indivíduos - é posta em questão

a relevância dada à individualidade e também é salientada a dimensão social. Ao se considerar a perspectiva que salienta a importância de estudar a ação humana no seu contexto interpessoal, social e cultural, bem como a ideia que sugere que a organização dos significados deste contexto exige o recurso da linguagem, chegar-se-á ao conceito de narrativa - aqui compreendida como uma forma de "teoria" que organiza a explicação do mundo que nos rodeia.

Percebe-se que a compreensão da linguagem e a construção das narrativas feita pelos interlocutores são as principais contribuições da abordagem construcionista social para a compreensão e avanço das teorias que concebem a Estratégia como Prática Social. Para se compreender melhor tais relações, apresentem-se no tópico seguinte algumas considerações sobre a Estratégia como Prática Social.

A ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA SOCIAL

Aspectos ontológicos e epistemológicos

A partir da apresentação das abordagens teórica e prática, a prática é destacada como, dentre outros aspectos, uma forma de contextualização das teorias estudadas e desenvolvidas de forma controlada por pesquisadores das Ciências Sociais. Seguindo uma discussão baseada nestas abordagens, podem-se compreender aspectos inerentes à prática, bem como, sem ser redundante, a sua aplicação prática. A prática será aqui descrita destacando-se alguns dos seus princípios teóricos e metodologias (CHIA; RASCHE, 2010; ORLIKOWSKI, 2010; CHIA; HOLT, 2008).

Orlikowski (2010) apresenta a prática a partir do foco sob a qual esta é observada, podendo este ser: 1) Empírico: em que a abordagem da prática reconhece a centralidade da ação das pessoas como resultado organizacional, este que reflete um crescimento do reconhecimento da importância da prática na continuidade operacional das organizações, ou seja, os indivíduos envolvidos em uma organização são considerados como atores principais no processo de desenvolvimento desta; 2) Teórico: a abordagem da prática é baseada no conteúdo teórico existente sobre o fenômeno. Neste caso a abordagem procura referências aos acontecimentos práticos a partir de teorias, sem submeter os sujeitos a uma abordagem empírica; 3) Filosófico: esta abordagem reforça a premissa que a realidade social é fundamental geradora da prática, isto é, a prática surge a partir das necessidades de um grupo ou contexto social. Chia e Rasche (2010), por sua vez, destacam a abordagem epistemológica, tendo a visão, isto é, a possibilidade, das abordagens teórica e empírica. O que os autores buscam esclarecer é que estas são diferentes possibilidades que os pesquisadores podem utilizar para estudar os fenômenos da prática nas organizações, sendo todas eficientes e devendo ser determinadas pelo viés ou foco que a pesquisa terá.

Em um estudo sobre alternativas epistemológicas para a pesquisa, Chia e Rasche (2010) afirmam que as pesquisas mais tradicionais têm a tendência de se basear

em testes e relações de inúmeras variáveis obtidas a partir da essência das realidades das estratégias. Tal aspecto possui uma maneira complexa e muitas vezes de difícil compreensão e (re)aplicação em estudos posteriores, uma vez que o padrão torna-se abstrato e intangível. A partir desta abordagem inicial, os autores constroem e reconstróem os conceitos de *building* e *dwelling*, a partir de analogias e exemplos práticos, levando a compreender estas diferentes abordagens epistemológicas. Na primeira abordagem - *building* - tem-se a visão de uma abordagem mais teórica, cujo pesquisador posiciona-se com relação ao objeto de estudo a partir de uma perspectiva externa, visualizando os fenômenos e descrevendo-os sem proximidade com estes. Na segunda abordagem - *dwelling* -, o pesquisador assume uma posição intimamente imersa no contexto que está sendo estudado, desta forma assume-se uma abordagem empírica, neste caso a relação do pesquisador com os atores das ações estudadas é crucial para o desenvolvimento do estudo. Apesar de apresentarem a aplicabilidade da epistemologia como eficiente instrumento metodológico de pesquisa, os referidos autores consideram como problemas da pesquisa epistemológica o distanciamento e a articulação com a estratégia prática, ou seja, muitos têm uma visão fundamentalmente teórica sobre esta metodologia (CHIA; RASCHE, 2010).

Feldman e Orlikowski (2011) dividem as aplicações práticas das teorias em: 1) Estratégia: como algo que os atores fazem em oposição a algo que as organizações possuem, ou seja, a busca dos atores em construir possibilidades diferentes àquelas oferecidas pelas organizações para o cumprimento das tarefas a eles inerentes, por exemplo, a criação de uma estratégia que torne mais viável e efetivo o relacionamento entre o produto e o seu produtor; 2) Conhecimento: este sendo referente à busca por teorias que sustentem a prática ou práticas a serem desenvolvidas a partir de teorias, isto é, a construção do conhecimento através da prática, em vez de se trabalhar a prática de forma engessada em um conhecimento estático e, muitas vezes, fora da realidade, esta que se encontra em constante processo de evolução; 3) Institucionalismo: neste caso o foco volta-se para a instituição, onde se busca desenvolver e consolidar seus espaços de referência nos indivíduos que tenham efeito em suas ações e cognição, em termos mais específicos, isto significa criar uma afinidade entre a ação humana e as organizações, na qual ambas têm a sensação de mútua cooperação.

A PRÁTICA E SUAS NUANCES

Reconhecer a importância do que acontece na prática tem ajudado os pesquisadores e os estudantes do campo da Estratégia como Prática Social e dos Estudos Organizacionais a focarem, especificamente, nas tecnologias e nas ferramentas práticas em oposição a um foco teórico considerado abstrato por ser isolado das condições específicas nas quais os fenômenos ocorrem. De acordo com Orlikowski (2010), as principais contribuições dos estudos focados em prática como um fenômeno é o apelo, mas também, e não menos importante, a evidência emergente de que a prática é importante e que deve ser abordada empiricamente para compreender e

desenvolver a realidade das organizações. Tais aspectos até agora expostos refletem a relevância que tem se dado à prática nos estudos de estratégia, o que significa sair do campo do abstrato em busca da realidade cotidiana.

Orlikowski (2010), ao se referir à prática como uma filosofia, destaca que todas as realidades sociais são entendidas em - e através - de práticas. A autora constata que quando se faz uma análise de uma determinada situação constantemente, isto se torna uma rotina e que, muitas vezes, as rotinas são ineficientes por cegarem as pessoas das diversas possibilidades para um mesmo fenômeno. É importante ressaltar que as teorias sugerem que as rotinas fazem com que as pessoas ignorem pequenas mudanças no contexto, até que elas vão se acumulando e se tornem grandes problemas. Desta forma, necessitando que as rotinas sejam então abandonadas ou reestruturadas, a fim de se refletir sobre e responder a este novo contexto. Neste caso, não significa somente que as rotinas são criadas em consequência das ações e que não existam sem estas, mas também que o desenvolvimento de rotinas ocorre em função das ações criando estruturas.

Ações e estruturas não estão em oposição, mas mutuamente relacionadas. A teoria de estruturação postula que, por meio das ações, são criadas as estruturas que dão forma às pessoas como indivíduos ou organizações. A partir desta compreensão, pode-se inferir que cada indivíduo produz ou reproduz suas estruturas e que essas estruturas sugerem estratégias como práticas que geram mudanças coletivas e individuais nas organizações e na sociedade.

Pesquisar a estratégia como uma prática social não significa, necessariamente, a busca por testar ou construir teorias, mas entender os sistemas dinâmicos, conhecer o seu funcionamento e, além disso, encontrar possibilidades de como adaptá-los. Mais uma vez destaca-se que as teorias servem como embasamento, sustentação para o desenvolvimento da prática. De qualquer maneira, faz parte dos esforços de autores que buscam por teorias que sejam capazes de embasar estudos no ambiente organizacional e, principalmente, no contexto da prática, relacionando-se aspectos construcionistas a esta prática (ROWLINSON; BOOTH; CLARK; DELAHAYE; PROCTER, 2010).

Vários são os desafios a serem interpostos para pôr em ação as teorias, um deles é o de problematizar e, posteriormente, teorizar o processo constitutivo destas. Outro desafio é o de encontrar uma linguagem lógica que expresse adequadamente os acontecimentos recorrentes e relativos das práticas cotidianas. Os teóricos da prática, frequentemente, utilizam as entidades de forma analítica, o que acaba por contribuir para a confusão quanto à metodologia para este tipo de pesquisa. Feldman e Orlikowski (2011), com base nas experiências pessoais, sugerem pelo menos duas razões para esta confusão: 1) primeira razão é porque as teorias práticas proporcionam a base para uma forte generalização teórica; 2) segunda razão é que as teorias práticas têm a capacidade de oferecer importantes implicações práticas para os atores envolvidos no contexto que está sendo estudado ou abordado.

CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM SOCIOCONSTRUCIONISTA PARA A COMPREENSÃO DA ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA SOCIAL

Jackson e Sørensen (2007) indicam que a Teoria da Prática pode ser considerada como sucessora da Teoria da Ação de Max Weber. Ambas consideram a ação humana como foco de estudo, desta forma, podendo ser tratadas como teorias que necessitam de abordagens direcionadas à compreensão de aspectos inerentes aos indivíduos, no caso em questão, às ações por eles produzidas. As teorias socioconstrucionistas surgem como formas de explicar e compreender a ação, tendo como recurso as estruturas simbólicas de significado. Partindo do pressuposto apresentado, pode-se considerar que a teoria da prática é um exemplo de teoria socioconstrucionista, mas nem todas as teorias socioconstrucionistas se propõem a ser uma teoria da prática. Conforme indicam Westwood e Clegg (2003 citados por SILVA; CARRIERI; SOUZA, 2012):

[...] o construcionismo social tem como preocupação central a experiência vivida e a produção de sentidos por pessoas em um contexto específico. Seu principal objetivo é estudar o mundo dos vivos e produção de sentidos pelas pessoas em suas interações sociais. Neste sentido, a realidade é externa e não pré-determinado, mas em vez disso, é uma construção social mútua que enfatiza o processo através do qual os significados são construídos. A principal fonte de investigação é o uso da linguagem e da interpretação é, por meio de técnicas de análise de vários discursos. [...] A intenção é tornar o uso do potencial explicativo dessa corrente de pensamento social, de modo a contribuir para o desenvolvimento do campo da estratégia - mais especificamente, que a estratégia como uma prática social. (WESTWOOD; CLEGG, 2003 citados por SILVA; CARRIERI; SOUZA, 2012, p. 03).

Desta forma, o construcionismo social, ao se preocupar com a experiência vivida e a produção de sentido(s) dos sujeitos - especialmente, ao debruçar-se sobre a linguagem - leva-nos a compreender as formas de construção da subjetividade. Falar das subjetividades envolvidas no contexto social inclui reconhecer o papel das práticas discursivas e da rede de elementos envolvidas na comunicação humana, visto que o reconhecimento desses elementos da comunicação pode abrir novas possibilidades de análise da conduta humana em diversos contextos, incluindo os contextos organizacionais (LEE; AMJADI, 2014; PAULA; PINTO; LOBATO; MAFRA, 2014; BRIDWELL-MITCHELL; LANT, 2014; McIVER; LENGNICK-HALL; LENGNICK-HALL; RAMACHANDRAN, 2012). O construcionismo social também retoma um ponto fundamental: é impossível separar o sujeito de sua realidade. De acordo com Gonzalez Rey (2011):

A sociedade não pode se conhecer independente das pessoas que vivem nela, ainda que ela não se reduza à soma das pessoas. Indivíduo e sociedade mantêm um relacionamento recursivo. Toda experiência pessoal é uma produção social, mas é, ao mesmo tempo, uma produção subjetiva individual, diferenciada, processos esses que se desdobram em sentidos subjetivos diferenciados na subjetividade social e na individual [...]. Esses sentidos subjetivos que se organizam nas configurações atuais da pessoa que vive uma experiência são uma fonte apreciável para o estudo da

sociedade; a sociedade está presente nesses sentidos subjetivos metamorfoseada em seus efeitos na produção subjetiva da pessoa, daí que a interpretação e a construção do pesquisador sobre as informações e expressões múltiplas do sujeito são a única via de acesso a esse saber. (GONZALEZ REY, 2011, p. 22).

Como se pode perceber, as práticas discursivas e a subjetividade têm uma natureza social e relacional e são temáticas transdisciplinares. Sob o enfoque construcionista é possível a análise dos sentidos produzidos por meio de tais práticas discursivas, considerando que linguagem é precedente da ação e que a ação é também uma construção social (SPINK, 2003).

O enfoque das teorias socioconstrucionistas na abordagem da prática em estudos organizacionais busca preencher a lacuna do que a prática é em relação à linguagem e a relação entre os atores de uma determinada atividade, além dos processos e das atividades individuais (CHIA; MACKAY, 2007). Deste prisma, a prática é vista como um micro processo e, portanto, pressupõe-se conhecer o que os atores fazem. Tais atores são agentes da prática e ao mesmo tempo produto dessa prática social - sendo que a estratégia está sendo considerada como um produto da prática social nas organizações.

Rasche e Chia (2009) indicam que no contexto cultural da Teoria da Prática, a Estratégia como Prática Social é vista por seus teóricos com ênfase no que as pessoas **fazem** nas organizações, e não no que as organizações **têm**, desta forma, fica evidente o foco nas pessoas, considerando-se o contexto/relação e a sociedade na qual estas se encontram. A teoria social baseada na prática representa um possível caminho para teorizar a prática. Esse caminho passa por diferentes abordagens determinadas de acordo com o foco do pesquisador ou do estrategista, sendo a construtivista uma das possibilidades.

O construcionismo foca os seus estudos no conhecimento e na realidade, realidade esta vivenciada e percebida pelas pessoas. Para Gergen e Joseph (1996), a construção do conhecimento tem como premissa que os posicionamentos de cada indivíduo partem da sua observação e que levam à deliberação racional em função das necessidades do meio. Essas deliberações podem ser traduzidas como as estratégias desenvolvidas para as situações problema. De acordo com Gergen e Joseph (1996), os efeitos dessa premissa referem-se a dois aspectos: 1) a mente do trabalhador, empregador ou gestor é um proeminente objeto de estudo; 2) o conhecimento da organização é considerado um subproduto da racionalidade individual do cientista. A partir disso, pode-se dizer que o foco do pesquisador deve estar com as suas lentes voltadas para a(s) pessoa(s) e, a partir dela(s) e suas relações, para a organização/instituição, e não o processo contrário. As pessoas passam a ser encarregadas da organização e a sua capacidade de pensar, planejar, criar, dentre outras habilidades, vão efetivamente dirigir ou nortear a organização/instituição na qual tais pessoas estão inseridas.

Grand, Rüegg-Stürme Von Arx (2010) ressaltam que a organização/instituição possui sua importância no enfoque do construcionismo, porém, deve ser cuidadosamente

delineada e delimitada para que seja reconhecida como uma contribuição efetiva à pesquisa e não como uma simples aspiração ou algo sem fundamento teórico ou epistemológico. Essa afirmativa enfatiza a relevância das pessoas para as organizações/instituições na abordagem epistemológica construtivista, tendo em vista que o comportamento criativo/intuitivo parte das pessoas - como iniciativas individuais ou em grupos. Permanece a questão com relação à dúvida de que se este comportamento criativo/intuitivo é proveniente de uma inspiração pessoal e individual ou se ela é estimulada e, inclusive, encorajada e desenvolvida pelas organizações/instituições. Sabe-se que há grupos de funcionários nas organizações/instituições que trabalham especificamente no desenvolvimento de estratégias e na busca de soluções inovadoras para as questões do seu contexto organizacional. Desta forma, pode-se inferir que a intuição deste grupo de trabalhadores é parte da política de desenvolvimento e atuação de várias organizações, principalmente aquelas de grande porte e com marcas consolidadas no mercado. A racionalidade/cognição, combinada à observação e à intuição é que possibilitam a criação e o desenvolvimento de estratégias eficientes.

Estruturas cognitivas são mutuamente dependentes, sendo que o processo de conhecimento é construído e multiplicado. Neste processo todas as informações são importantes e responsáveis por mudanças e pela evolução de conceitos, técnicas e estratégias. A partir da estruturação do raciocínio e da exposição deste raciocínio - por meio da comunicação - criam-se possibilidades de atuação e evolução das organizações/instituições, uma vez que o conhecimento é disseminado e desenvolvido pelo intercâmbio de informações. Os sistemas cognitivos e de comunicação operam cooperativamente e em conjunto, numa relação de interdependência (GRAND; RÜEGG-STÜRM; VON ARX, 2010).

Partindo desta compreensão pode-se dizer que o raciocínio é responsável pela comunicação, uma vez que a comunicação exitosa está ancorada num processo de intencionalidade. Além disso, a linguagem - importante instrumento na teoria do construcionismo - tem a característica de expressão individual de racionalidade. Assim, ser racional é uma meta fundamental da linguagem, falar racionalmente é comunicar-se de acordo com as convenções de uma cultura ou, mais especificamente, organização; ser racional não significa ser individual, mas sim culturalmente coordenado (GERGEN; JOSEPH, 1996). Essa afirmativa remete ao fato das organizações multinacionais adotarem diferentes posturas e posicionamentos de mercado, em função do local em que estão inseridas, respeitando as referências culturais do local em questão, a exemplo disso se podem considerar as campanhas publicitárias e demais produções culturais com leituras regionais.

Hosking (2011) apresenta alguns aspectos que são fundamentais para a formulação teórica do construcionismo relacional a partir da articulação de premissas relacionadas ao nível da sociologia ou da filosofia da ciência social. Hosking (2011) indica que essa articulação pode ajudar na conciliação e no apoio na discussão

do que deve ser feito para a criação de estratégias nas organizações. A abordagem empírica da comunicação é um instrumento importante para o desenvolvimento de estratégias a partir do estudo da realidade e do que ocorre no cotidiano das organizações. Os membros de uma organização - ou mesmo as pessoas individualmente - desenvolvem habilidades de como aprender e apreender os conhecimentos obtidos por meio da prática, além de vislumbrar novas possibilidades de atuação em função do desenvolvimento contínuo. A linguagem (comunicação) para os pós-modernistas não é um reflexo do mundo, mas sim constituinte do mundo, além disso, a linguagem não só descreve as ações, mas é uma ação em si mesma.

O processo de desenvolvimento da nossa sociedade é mediado pela comunicação que, por sua vez, sofre influência direta do contexto social. Vários autores apresentam argumentos e conceitos que destacam a importância da comunicação, sendo que a linguagem é vista como a via pela qual os parceiros/colegas se relacionam e também como compartilham os conhecimentos, inclusive, no contexto organizacional/institucional (BRIDWELL-MITCHELL; LANT, 2014; PAULA; PINTO; LOBATO; MAFRA, 2014; SORSA; PÄLLI; MIKKOLA, 2014; McIVER; LENGNICK-HALL; LENGNICK-HALL; RAMACHANDRAN, 2012; HOSKING, 2011; GRAND; RÜEGG-STÜRM; VON ARX, 2010; CHIA; MACKAY, 2007; GERGEN; JOSEPH, 1996).

Para Pereira, Brito, Carrieri, Lima e Cappelle (2008), a abordagem socioconstrucionista apresenta uma grande gama de possibilidades para a explicação de sentidos no contexto laboral e organizacional, contexto esse fortemente marcado pelo processo de comunicação humana. Assim sendo, as organizações devem buscar incluir dentre suas estratégias aspectos que facilitem e desenvolvam a comunicação, sendo que por meio do desenvolvimento e do apoio de pesquisas nesta área podem sinalizar alternativas nas quais as organizações têm mais chances de prosperar.

Como efeito da abordagem empírica das epistemologias construcionistas na Estratégia como Prática Social, os cientistas que focam o seu trabalho nos estudos organizacionais não têm a intenção de apenas alimentar as teorias, metáforas ou narrativas, mas de buscar o significado destas para o desenvolvimento e para o enriquecimento das suas pesquisas. Desta forma, os pesquisadores buscam o desenvolvimento das organizações por meio de pesquisas que abordem a especificidade de cada estratégia como fonte de evolução organizacional. De qualquer maneira, apresenta-se que esta e outras possibilidades ainda têm muito a ser desenvolvidas e apuradas, sendo este campo ainda incipiente e que necessita de mais estudos, especialmente, no contexto brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se observar as principais contribuições da abordagem socioconstrucionista para a compreensão da Estratégia como Prática Social e apreensão dos elementos que constituem as organizações/instituições, percebeu-se, como principais resultados,

que a literatura referente ao tema remete ao debate de questões como conceituação, contextualização e relatos de resultados das pesquisas realizadas, no entanto, carece de relatos detalhados sobre as reais possibilidades de análise/intervenção nas situações do contexto organizacional, sobre a (re)invenção dos caminhos, as possibilidades de interação ou mesmo de uma análise crítica da situação analisada, algo que é exigido pela característica inerente ao próprio contexto organizacional: ser constituída e construída por pessoas - pessoas que pensam, agem, reagem e interpretam suas ações, reações, emoções e relações.

Para contemplar a riqueza das experiências sociais, de acordo com a visão pós-construcionista, deve-se tentar incorporar uma perspectiva que busque desvendar os elementos envolvidos nas relações intersubjetivas de forma que "os horizontes e os lugares" possam ser "compreendidos como produtos sociais e não como realidades independentes" (SPINK, 2003, p. 22).

Pode-se dizer que teoria e prática são aspectos que trabalham juntos (CHIA; RASCHE, 2010), sendo que a efetividade da pesquisa em estratégia como prática está no foco em que se busca desenvolver tal pesquisa e que, acima de tudo, há várias alternativas para se desenvolver esta abordagem, sejam elas epistemológicas, científicas ou outras. Feldman e Orlikowski (2011) indicam que focalizar as lentes dos estudos da prática social para a área dos estudos organizacionais pode significar uma grande ajuda para se perceber e teorizar a prática em si.

De acordo com Whittington (2004), após o modernismo o estudo da estratégia vislumbra uma "dupla agenda" de pesquisa que deverá responder a uma demanda "sociológica" (que se ocuparia entender as estratégias e suas implicações para a sociedade) e também a uma agenda focada no âmbito "gerencial", que poderá transformar as descobertas "sociológicas" em diferenciais/vantagens competitivas de mercado. Percebe-se que essa aproximação também é possível de ser empregada nas mais diversas áreas de conhecimento - como Psicologia, Administração, Educação, Antropologia - e seus múltiplos setores.

Partindo do exposto, sugere-se que novos estudos sejam desenvolvidos e que busquem aprofundar a compreensão das aproximações e divergências entre as abordagens construtivista e socioconstrucionista - uma vez que no presente ensaio essas aproximações e divergências foram apresentadas de forma sintética. Além disso, em âmbito nacional, identificou-se uma escassez de estudos na área da prática e da Estratégia como Prática Social, sendo estes campos promissores para a condução de novas pesquisas.

Considerar o construtivismo sistêmico uma epistemologia significa admitir que nunca se alcança uma descrição final para um determinado fenômeno, mas sim a construção de um conhecimento a ele relacionado e que abre caminho para futuras explorações. O construtivismo é uma perspectiva promissora dos estudos em ciências sociais, com as suas próprias definições sobre ontologia, epistemologia e metodologias, com os seus próprios interesses e possibilidades tendo um grande

potencial para o estudo da realidade vivenciada a partir do contexto do cotidiano voltado aos anseios e às necessidades de uma pessoa, um grupo de pessoas ou uma organização/instituição. Nesta relação acrescenta-se o socioconstrucionismo como o meio cuja prática se desenvolve, considerando as influências das relações pessoais e do contexto em que estas interações ocorrem. Esse debate é primordial para a elaboração de estratégias organizacionais que possibilitem a compreensão da realidade organizacional de forma contextualizada, o que também permitiria melhores intervenções na esfera organizacional.

REFERÊNCIAS

BERGER, L. P.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**: Tratado de Sociologia do Conhecimento. 21. ed. Petropolis: Vozes, 2002.

BRIDWELL-MITCHELL, E. N.; LANT, T. K. Be Careful What You Wish For: The Effects of Issue Interpretation on Social Choices in Professional Networks. **Organization Science**, v. 25, n. 2, p. 401-419, 2014. Doi: <http://dx.doi.org/10.1287/orsc.2013.0840>.

CASTAÑON, G. A. Construcionismo social: uma crítica epistemológica. **Temas em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 67-81, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2004000100008&script=sci_arttext.

CHIA, R.; HOLT, R. On Managerial Knowledge. **Management Learning**, v. 39, n. 2, p.141-158, 2008. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1350507607087579>.

CHIA, R.; HOLT, R. Strategy as practical coping: A Heideggerian perspective. **Organization Studies**, v. 27, n. 5, p. 635-655, 2006. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0170840606064102>.

CHIA, R.; MACKAY, B. Post-processual challenges for the emerging strategy-as-practice perspective: Discovering strategy in the logic of practice. **Human Relations**, v. 60, n. 1, p. 217-242, 2007. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0018726707075291>.

CHIA, R.; RASCHE, A. Epistemological alternatives for researching Strategy as Practice: building and dwelling worldviews. Em: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. (Eds.) **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. Cambridge University Press: Cambridge, pp.34-45, 2010. Doi: <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511777882>.

COSTA, M. C. S. Intersubjetividade e historicidade: contribuições da moderna hermenêutica à pesquisa etnográfica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 10, n. 3, p. 372-382, 2002. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692002000300011>.

ERDEN, Z.; SCHNEIDER, A.; VON KROGH, G.. The multifaceted nature of social practices: A review of the perspectives on practice-based theory building about organizations. **European Management Journal**, v. 32, n. 5, p. 712-722, 2014. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.emj.2014.01.005>.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing Practice and Practicing Theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011. Doi: <http://dx.doi.org/10.1287/orsc.1100.0612>.

GERGEN, K. J. Social Psychology as History. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 26, n. 2, p. 309-320, 1973. Disponível em: < http://www.swarthmore.edu/Documents/faculty/gergen/soc_psych.pdf >.

GERGEN, K. J. The social constructionist movement in modern psychology. **American Psychologist**, v. 40, n. 3, p. 266-275, 1985. Doi: <http://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0003-066X.40.3.266>.

GERGEN, K. J.; JOSEPH, G. T. Organizational Science in Postmodern Context. **Journal of Applied Behavioral Science**, v. 32, n. 4, p. 356-378, 1996.

GONZALEZ REY, F.. Psicologia social: fronteiras e conexões. Em: TOMANIK, E. A.; CANIATO, A. M. P. (Orgs.) **Psicologia social: desafios e ações**. Maringá: Abrapso, 2011. pp. 12-31.

GRAND, S.; RÜEGG-STÜRM, J.; VON ARX, W. Constructivism epistemologies in Strategy as Practice research. Em: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. (eds.) **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. Cambridge University Press: Cambridge, pp.63-78, 2010. Doi: <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511777882>.

GUANAES, C. **A Construção da Mudança em Terapia de Grupo**: um enfoque construcionista social. São Paulo, Vetor, 2006.

HOSKING, D. M. Telling Tales of Relations: Appreciating Relational Constructionism. **Organizational Studies**, v. 32, n. 1, p. 47-65, 2011. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0170840610394296>.

JACKSON, R.; SØRENSEN, G. Social Constructivism. Em: JACKSON, R.; SØRENSEN, G. **Introduction to International Relations: Theories and Approaches**. Oxford University Press, 2007, pp. 161-177.

LEE, C-F.; AMJADI, M. The role of materiality: Knowing through objects in work practice. **European Management Journal**, v. 32, n. 5, p. 723-734, 2014. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.emj.2014.01.004>.

MANCINI, M. C.; SAMPAIO, R. F.. Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão (Editorial). **Rev. bras. fisioter.**, v. 10, n. 4, p. 0-0, 2006. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-35552006000400001>.

McIVER, D.; LENGNICK-HALL, C. A.; LENGNICK-HALL, M. L.; RAMACHANDRAN, I. Integrating knowledge and knowing: A framework for understanding knowledge-in-practice. **Human Resource Management Review**, v. 22, n. 2, p. 86-99, 2012. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.hrmr.2011.11.003>.

ORLIKOWSKI, W. J. Practice in Research: phenomenon, perspective and philosophy. Em: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. (Eds.) **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. Cambridge University Press: Cambridge, pp.23-33, 2010. Doi: <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511777882>.

PAULA, A. V.; PINTO, L. B.; LOBATO, C. B. P.; MAFRA, F. L. N.. Desenho também é coisa séria – desvelando o “funcionário padrão” da sociedade capitalista moderna no desenho animado Bob Esponja Calça Quadrada. **RAM - Rev. Adm. Mackenzie**, v. 15, n. 5, p. 45-71, 2014. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712014/administracao.v15n5p45-71>.

PEREIRA, M. C. BRITO, M. J. CARRIERI, A. P. LIMA, J. B. CAPPELLE, M. C. A. A abordagem sócio-construcionista e a produção de sentidos sobre o desemprego: um estudo no setor industrial da região metropolitana de Belo Horizonte (RM-BH). **Organizações & Sociedade**, v. 15, n. 47, p. 49-69, 2008. Disponível em: < <http://www2.revistaoes.ufba.br/viewarticle.php?id=490&layout=abstract> >.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RASCHE, A.; CHIA, R. Researching Strategy Practices: A Genealogical Social Theory Perspective. **Organization Studies**, v. 30, n. 7, p. 713-734, 2009. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0170840609104809>.

RASERA, E. F. ; JAPUR, M.. Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 14, n. 1, p. 201-209, 2001. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722001000100017>.

RASERA, E. F.; JAPUR, M.. Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a psicologia. **Paidéia**, v. 15, n. 30, p. 21-29, 2005. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100005>.

RASERA, E.; JAPUR, M. **Grupo como Construção Social**: aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo. São Paulo: Vetor, 2007.

ROWLINSON, M.; BOOTH, C.; CLARK, P.; DELAHAYE, A.; PROCTER, S.. Social Remembering and Organizational Memory. **Organization Studies**, v. 31, n. 1, p. 69-87, 2010. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0170840609347056>.

SILVA, A. R. L.; CARRIERI, A. P.; SOUZA, E. M. A constructionist approach for the study of strategy as social practice. **BAR, Braz. Adm. Rev.**, v. 9, n. spe, 2012. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-76922012000500002>.

SORSA, V.; PÄLLI, P.; MIKKOLA, P. Appropriating the Words of Strategy in Performance Appraisal Interviews. **Management Communication Quarterly**, v. 28, n. 1, p. 56-83, 2014. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0893318913513270>.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicol. Soc.**, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>.

WHITTINGTON, R. Estratégia Após o Modernismo: Recuperando a Prática. **Revista de Administração de Empresas**, v. 44, n. 4, p. 44-53, 2004. Disponível em: < <http://rae.fgv.br/rae/vol44-num4-2004/estrategia-apos-modernismo-recuperando-pratica> >.